

URBANAS JUVENILIDADES: MODOS DE SER E DE VIVER NA CIDADE DE SÃO PAULO

Silvia Helena Simões Borelli
Rosamaria Luiza (Rose) de Melo Rocha

Resumo: O artigo analisa a experiência urbana desde um recorte particular: o modo juvenil de ser e de viver na cidade de São Paulo. Valendo-se de ferramentas multi-metodológicas, foca, em especial, as vivências juvenis da temporalidade, seus diferentes exercícios de nomadismo e a experimentação da violência, real e simbólica. Dialoga, neste sentido, com resultados de pesquisa internacional sobre jovens urbanos, sediada, no Brasil, junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUCSP.

Palavras-chave: juventude, metrópole, nomadismo, cultura do risco.

A cultura de massa dá forma à promoção dos valores juvenis e assimila uma parte das experiências adolescentes. Sua máxima é “sejam belos, sejam amorosos, sejam jovens”. Historicamente, ela acelera o vir-a-ser, ele mesmo acelerado de uma civilização. Sociologicamente, ela contribui para o rejuvenescimento da sociedade. Antropologicamente, ela prolonga a infância e a juventude junto ao adulto. Metafisicamente, ela é um protesto ilimitado contra o mal irremediável da velhice (Edgar Morin).

Moro em condomínio, que é mais tranquilo, mas não tão tranquilo assim. Porque cada três, quatro vezes, você é assaltado: com arma, sem arma, com faca, sem faca, pode ser de manhã eles começam. Quando tem policiamento não tem ladrão na rua. Quando tem ladrão na rua eu não vejo um policial por perto. Um bairro desse não significa nada pra mim. C.H.L. (15-17, M/ZS)¹.

Como é o lugar onde eu moro? É um lugar meio conhecido pela violência, mas não é tão violento assim, né? Por convivência própria não é tão violento. É um lugar onde também tem parques – muita gente diz que não tem parques, que tem pouca cultura. Tem falta de bibliotecas, centros culturais e tal, mas já na área da violência aí já é meio distorcido o que as pessoas passam, né? Tem a imagem do Capão Redondo, mas é um lugar onde dá para viver. (M.B.A.18-24, M/ZS).

“Minha cidade é meu bairro”. “Minha cidade é meu quarto”. “Tenho medo de andar na cidade”. “São Paulo, para mim, tem como imagem um grande relógio”. “Aqui tenho de andar arisca para todos os lados”.

¹ Referências como essa constam do texto como um todo e dizem respeito, na seqüência, a: iniciais do nome dos (as) jovens entrevistados (as); faixa etária (15-17/18-24); gênero (M/F); zonas de moradia na cidade de São Paulo (S/O – sul/oeste). Tais referências relacionam-se, em especial, a depoimentos coletados durante a realização da pesquisa de campo, por meio de entrevistas em profundidade. Ressalta-se, ainda, que outros instrumentos de coleta de dados foram utilizados – e constam deste contexto analítico – como questionários estruturados, observação etnográfica em territórios de fluxos juvenis, além da organização de dois bancos de dados, um iconográfico e o outro sob o formato de *clipping* (para mídias impressas e digitalizadas).

Viver a cidade, viver na cidade, viver, apesar da cidade. Construir-se identitariamente, constituir subjetividades em uma grande cidade. São inúmeros e por vezes paradoxais os sentimentos juvenis desenhados a partir do que seriam, para alguns destes jovens, as demarcações que a vida metropolitana confere a sua existência, a sua sobrevivência e a tudo aquilo que, grosso modo, poder-se-ia incluir no campo dos seus desejos de futuro.

Pesquisa² realizada na cidade de São Paulo apresenta interessantes indicativos da natureza desta vivência. Tal como sugerido nas frases que deram início a este artigo, todas elas referentes a narrativas juvenis colhidas ao longo de nosso trabalho de campo, é complexa, intensa e conflituosa a experimentação juvenil do espaço e do tempo urbanos.

As representações que estes jovens fazem da cidade em que vivem alimentam-se, de modo significativo, de profusas interconexões entre visualidades e construções imaginárias. Indicam, ainda, a constituição de práticas perceptuais e de processos de educação sensorial perpassados por signos e hábitos provenientes da cultura midiática.

Como descrito por A.I.U. (18-24; F/ZO), a experiência urbana, com sua veloz temporalidade, estrutura de modo irreversível a subjetividade juvenil:

Não sei se conseguiria sair de São Paulo, porque já vivo num ritmo meio acelerado o tempo inteiro (...), eu já me acostumei. Você repara em menos coisas, principalmente quando você dirige. Você repara muito menos nos detalhes da cidade. É que velocidade não é bem sensação, eu não sei como descrever essa correria. Acho que é um pouco de ansiedade. [A imagem de São Paulo] é a Avenida Paulista. [E também a imagem de] um relógio sempre atrasado (*risos*), sempre!

A aceleração que oscila entre o compulsório e o consentido, a percepção da própria ambigüidade contida na experimentação do excesso – excesso de velocidade de um lado,

² “*Jovens urbanos: concepções de vida e morte, experimentação da violência e consumo cultural*” está vinculada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais (PUCSP), foi financiada pela FAPESP e é parte integrante de uma rede internacional de pesquisadores, nos seguintes países: Colômbia (Universidad Central, Bogotá; Universidad Surcolombiana, Neiva; Universidad Industrial de Santander, Bucaramanga); Chile (Universidad Diego Portales); Equador (Universidad Central); Espanha (Universitat de Lleida); Inglaterra (South Bank University). Compõem a equipe brasileira, na primeira etapa (2001/2004): Profa. Dra. Silvia H. S. Borelli (Coordenadora – PUCSP/SENACSP); Profa. Dra. Rosamaria L. M. Rocha (Coordenadora – PUCSP/ESPM); Profa. Dra. Gislene Silva (UFSC); Profa. Dra. Josimey C. Silva (UFRN); Profa. Dra. Rita C. A. Oliveira (PUCSP/SENACSP), Profa. Dra. Rosana L. Soares (ECAUSP); Francisco Romero Neto (PIBIC/CNPq); Lucivania Alves (PIBIC/CNPq); Mariana de Stefano (PIBIC/CNPq), Marina M. Cardoso (PIBIC/CNPq); Marcel Maia (supervisor de campo). Na segunda etapa (de 2004 e ainda em andamento): Profa. Dra. Silvia H. S. Borelli (Coordenadora - PUCSP/SENACSP); Profa. Dra. Rosamaria L. M. Rocha (Coordenadora - PUCSP/ESPM); Profa. Dra. Rita C. A. Oliveira (PUCSP/SENACSP); Euzébio S. Silva (PIBIC/CNPq); João P. Paixão (PIBIC/CNPq); Mariana de Stefano (PIBIC/CNPq); Pedro A. M. Gomes (PIBIC/CNPq).

excesso de opções de outro –, formata definições lapidares sobre a cidade. Segundo o jovem C.M.O.P. (15-17; M/ZO), para quem “São Paulo na realidade é um exagero de Cidade”, o grande incômodo aponta para uma cisão dos laços sociais:

Acho muito estressante, sufocante a Cidade. Tem um sítio na Serra da Cantareira da minha avó, ela morou lá durante um tempo. Ela é de nacionalidade Portuguesa; veio para o Brasil acho que em 1910... E morou sempre na Serra da Cantareira, tinha o sítio e tal. E até hoje ainda tem esse sítio, gosto muito de ir para lá que é um lugar muito mais sossegado que São Paulo. Posso descansar e ficar bem mais tranqüilo.

Sinto-me incomodado. No cotidiano você está acostumado com isso, mas aí você olha assim.. "mas que bomba". Não era para ser assim, tinham que ser mais calmas as coisas, tinha que ter um tempo para pensar melhor. É muita trabalhadeira, é muita correria...

[O maior problema] é mesmo a estrutura da vida da Cidade. Andando pelas ruas você não conhece ninguém, milhões de pessoas moram em São Paulo e você vai levar a sua vida, entendeu? Não é uma vida coletiva.

É interessante notar, nos já clássicos estudos desenvolvidos por Paul Virilio (1984) acerca da dromocracia³, a corroboração desta percepção juvenil. Segundo afirma, a crise urbana não é estranha à crise política, posto que a movimentação compulsória de fato acarreta a ruptura de vínculos coletivos, tornando-nos, a todos, uma espécie de “estrangeiros do interior” e, aos “outros”, imagens que passam. Na desertificação do urbano, com a emergência de ilhas vivenciais, efetiva-se a negação do percurso, o circular por pólos que não se tocam, colocando-nos, constantemente, em estado de partida/chegada. A autoctonia daria assim lugar a uma sorte de cidadania temporal.

Seríamos, na acepção de Virilio (1984), cidadãos de um tempo, bem mais do que de um lugar. Este tempo, como notado por nossos jovens, é aquele da velocidade, da intensidade, do deslocamento. Por prazer, necessidade, hábito ou obrigação, é ele, exatamente, que irá guiá-los pela cidade e, em uma simbiose por vezes perversa, também ele resultará em parâmetro possível de seus “modos de ser”.

M.L.A. (18-24; F/ZO), definindo São Paulo como a cidade “que tem um *mix* de tudo”, reforça a pluralidade da experimentação urbana desde um ponto de vista do olhar. A dinâmica da visibilidade, para esta jovem moradora da zona oeste da cidade, é tanto o lugar de percepção e reafirmação das diferenças como, igualmente, de experimentação positivada

³ A ditadura da velocidade, a ordem da movimentação compulsória.

da diversidade. Note-se, contudo, que sua narrativa é sempre referendada no verbo “ver”, indicativo singular do modo como se articula tal experimentação:

Não mudo de São Paulo por nada. A gente é muito cidade... Acho que muito parado não ia conseguir. São Paulo tem tudo, tem de tudo. Se você quer ir pro meio do mato, você tem dentro de São Paulo, se você quer ficar no meio de um monte de gente, tem. Tem de tudo quanto é jeito. Então acho que tem tudo. Eu gosto assim... do Parque Vila Lobos. Outro dia fui lá e falei: "Isso aqui é a cara de São Paulo!". Tipo, você tem verde no meio da cidade, só que se você ficar sentada no parque você vê a Marginal toda parada (*risos*), você vê o Ceasa, você vê a favela, você vê... você vê tudo, entendeu?

Acho que é muito assim, estar sozinho por entre gente, estar no meio de um monte de gente só que você não conhece ninguém... Tem muito isso eu acho.

Consciente da embocadura vivencial que lhe é apresentada por sua vivência de cidade, P.A. (15-17; M/ZO) sinaliza, com precisão, a natureza fragmentada do espaço urbano e reforça, novamente, a tensão e as condições de possibilidade expressas no olhar:

Nasci aqui, muita coisa nunca vivi fora daqui, não que não consiga me adaptar, mas eu não sei, é a minha realidade.

(...) aqui em São Paulo (...) as coisas são muito... não convivem muito. Tem o Centro que é uma realidade diferente, as periferias têm uma realidade diferente, não dá para falar "este lugar é a cara de São Paulo".

[Dá] uma sensação ao mesmo tempo de um nervosismo, de uma correria e uma sensação de solidão por ter muita coisa, muitas pessoas e ninguém olhar para a cara de ninguém, uma sensação de vazio...

Você vê muita coisa. Porque São Paulo é um mundo, é um tudo, você tem gente de todo tipo (...). Você vê muita coisa, vê gente sendo assaltada, gente explorada, vê gente de todos os tipos, vê coisas de todo o tipo, vê ônibus com as pessoas saindo pela janela [e] tem muito dinheiro, a gente vê coisa muito diferente. É difícil você falar e sistematizar um pouco os pontos, é muito contraste.

Nomadismo Espacial

Destaca-se, contemporaneamente, na caracterização do perfil da juventude, sua condição de mobilidade, de *nomadismo*. Nomadismo que pode ser entendido como deslocamento espacial e geográfico – “des-centramento, des-espacialização” (MARTÍN-BARBERO, 1997); mobilidade temporal – viver tempos de passagem, de alternância momentânea, de simultaneidades; ou, ainda, nomadismo de percepção – absorver fluxos, filtrar, aparar, absorver, equacionar os inúmeros “chocs” (BENJAMIN, 1989:109-113) que resultam de

uma vida cotidiana tensa e intensa permeada pela relação com a cidade e também conectada a tradicionais e recentes mídias.

Para Maffesoli (2000:152-153) o nomadismo juvenil justifica-se porque os jovens se percebem situados em um mundo “estranho/estrangeiro” e nele se inserem de formas alternadas: ora respondendo de maneira organizada e programada ou, de tempos em tempos, de forma “insidiosa, desordenada e insolente”; esta última hipótese expressaria a recusa às imposições de um contexto que envelhece e, também, o desejo de se distanciar dele. Os jovens, dentro dessa perspectiva, não estariam propriamente posicionados a favor ou contra as instituições, mas definindo outros lugares por onde “escapar”, confiando menos nas instituições oficiais e mais em mecanismos próprios, de auto-organização. Nesse sentido, e do ponto de vista analítico, pode-se concordar com Martín-Barbero (1998:22) que os jovens são “um objeto nômade, de contornos difusos”.

Adotam São Paulo, com toda a ambigüidade inerente a esta adoção:

Sair da cidade? Ah, só se fosse pra uma cidade mais ou menos do mesmo porte (*risos*); não sei se eu conseguiria morar numa cidade de interior, sabe? Viver numa cidade devagar... é completamente diferente. Vou direto pra Itu, Araraquara, Jundiaí, Catanduva, mas eu não sinto um ritmo igual ao de São Paulo. Lá, dá pra ir em 15 minutos num aniversário num sítio. Aqui, 15 minutos é da minha casa até a faculdade ou até o metrô, quando muito! (A.I.U. 18-24; F/ZO).

São nômades porque tomam conta da cidade, numa circulação transversal e desordenada, que explode os limites da espacialidade urbana:

Saio ali do Alto de Pinheiros, venho até o centro, que é onde faço faculdade, ali no Mackenzie; saio do Mackenzie e vou até Guarulhos, no aeroporto. Tem dia que saio do aeroporto, vou pro inglês, que é no Mackenzie também; à noite vou pra zona norte, lá perto do Shopping Center Norte, pra treinar (A.I.U. 18-24; F/ZO).

O resultado da análise dos dados coletados nos questionários estruturados, sobre nomadismo espacial, confirma que a grande maioria dos jovens, tanto de zona sul como de zona oeste, afirma “gostar de circular pela cidade e descobrir novos lugares e pessoas”.

Entretanto, a intensidade com que assumem esse nomadismo divide os jovens por faixa etária e por bairro de moradia. Os mais jovens, entre 15 e 17 anos, apresentam mais dificuldade de circular pela cidade ou, em outras palavras, são inúmeros os obstáculos para o exercício do nomadismo espacial: ainda estão na dependência dos pais, quase não saem à noite, não guiam, ou seja, a idade limita o acesso:

Não saio muito para as baladas, costumo ficar mais em casa, vou no cinema mais à noite... de resto eu não faço muito mais coisas... às vezes palestra, exposição (C.M.O.P. 15-17; M/ZO).

Pra sair acabo indo mais assim pro shopping mesmo, por aqui mesmo. Higienópolis, Paulista às vezes, mas é mais aqui por perto mesmo (R.R.A.M. 15-17; F/ZO).

Ainda assim, alguns – ou algumas! – se aventuram:

Ando em tudo por São Paulo. Quando me falam “tem um show ali”, falo assim, “quanto é?”, se estiver no meu limite eu vou. Eu ando. Não sei onde é, já me perdi muito... O que mais gosto em São Paulo são as festas à noite. Gosto de sair para me divertir em qualquer lugar, num salão fechado, seguro, tudo tem que ter segurança; e fico tranqüila até a hora de ir embora (P.S.B. 15-17; F/ZS).

Os mais velhos circulam mais e são depositários de maior autonomia, que lhes permite ganhar a cidade e conhecer lugares “estranhos e distantes”:

Antes era só Pompéia, Lapa, Perdizes, Pacaembú, Higienópolis; só ficava por aqui. Agora é que comecei a ir mais para o outro lado, para a zona sul. Sempre fiquei muito na zona oeste. Agora começo a aprender a andar na zona sul assim, um pouco para sair, para andar; mas se saio, geralmente faço circuitos grandes porque tenho o costume de me perder. Outro dia saí da Vila Mariana e fui parar na zona leste, só que não sabia que ‘tava na Moóca’. Mas tudo bem, para mim, só conheço a cidade quando me perco... (M.L.A. 18-24; F/ZO).

“Só conheço a cidade quando me perco”... Nômades que afirmam, num diálogo não-intencional com Walter Benjamin que, para conhecer uma cidade, é preciso perder-se nela: “Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução” (BENJAMIN, 1987:73). Para quase todos, a Avenida Paulista e o Parque do Ibirapuera são referências constantes. São lugares para ir, circular, encontrar pessoas, ficar; lugares onde as coisas sempre acontecem; por vezes, lugares de “felicidade”:

Essa cidade? É... sou feliz aqui, sou feliz, e isso é uma imagem muito interessante. Tem o Parque Ibirapuera, aquilo me traz felicidade! (C.H.L. 15-17; M/ZS).

Eu moro em Perdizes, mas eu não circulo muito, assim em Perdizes. Dou uma circulada na região da Paulista, vou para a casa de amigos, conhecidos meus. Vou passando pela cidade... (C.M.O.P. 15-17; M/ZO).

Quando vou para o Ibirapuera jogo futebol, basquete e vou até a Bienal, eu pratico e gosto de arte. Vou até a Paulista quando é para fazer apresentações. Faço teatro, vou na Paulista e na Bienal (...) Sempre saio em grupo porque nunca gosto de sair sozinho. Saio em turma e o caminho que a gente faz é pegar ônibus coletivo. Às

vezes, vou a festas e exposições que eu monto. Monto exposição no metrô e, às vezes, tem que sair de madrugada; às vezes, vamos para longe mesmo como em Guaianazes ou no metrô do Brás (A.M.J. 18-24; M/ZS).

O nomadismo espacial também encontra um divisor de águas entre os bairros zona oeste e zona sul: pode-se observar um maior deslocamento de jovens residentes na zona oeste por lugares diferentes daqueles do bairro no qual residem.

Como eu era da executiva da união paulista [movimento secundarista] tinha que visitar as escolas, escola em Santo Amaro, em todos os cantos da cidade; sempre tinha alguma coisa que estava acompanhando. A união paulista representa o estado inteiro, mas eu acabava ficando com a maior parte das escolas da capital. Andava muito de ônibus, muito de metrô (P.A. 15-17; M/ZO).

Ainda que com algumas exceções, a maior parte dos jovens da zona sul, por razões relacionadas às carências estruturais, encontram-se mais confinados a bairros de sua região de origem e, conseqüentemente, mais restritos aos precários, e por vezes inexistentes, equipamentos culturais e espaços de lazer.

E como, concretamente, os jovens se apropriam da cidade? Abordados em situações de encontro, tanto em territórios juvenis, quanto em locais de fluxo como praças e parques públicos, postinhos, locais de “racha” e *rappel*⁴, bares e shows, shoppings centers, entre outros, os jovens equacionam seu trânsito por São Paulo, numa diversidade de alternativas inerentes à diversificação do próprio *design* urbano. Para *circular pela cidade* é freqüente a menção à utilização da carona⁵ em carro de amigos. Raramente os que estavam de carro estavam sós. Raramente, aliás, vão sozinhos para as baladas e outras atividades de lazer, a não ser quando isto acontece em intervalos do período de trabalho. Ônibus, metrô e, esparsamente, *skate*, bicicleta e patins – estes três últimos, absolutamente individuais – foram outros dos meios de transporte citados. Alguns dos jovens abordados optavam, em grupo, por caminhar.

Similar à privatização de locais públicos e familiarização de locais privados, nota-se que a própria experimentação da cidade passa por um *movimento de “pontilhamento” ou fracionamento*. Vários dos locais observados assemelham-se a verdadeiras “ilhas” de *sociabilidade*, em uma quase independência da cidade que as margeia. Poderiam, tais como

⁴ Descida, amparado por cordas e cinturões de segurança, de grandes alturas. O *rappel* pode ser positivo (quando uma estrutura ampara a descida – montanhas, edifícios) ou negativo (quando não há estrutura de amparo e o salto se dá no vazio – caso da descida de um viaduto, por exemplo).

os famosos *resorts* turísticos, estar em qualquer centro urbano, em qualquer país: é o caso em especial dos *shoppings* (convencional e temáticos), da LAN e do viaduto para a prática de *rappel*.

Poder-se-ia, como licença teórica, extrair, destas observações, uma demarcação temporal sobremaneira relevante: trata-se, partindo destes registros, de notar a confirmação da uma tese concernente ao “modo de viver” a temporalidade metropolitana articulada aos sensórios juvenis: criar “ilhas” equivale a criar lugares inerciais que permitem, em meio à agitação metropolitana, viver-se um tempo “próprio”, particular, seja ele regido, entre outros, pelo risco (como no *rappel* da avenida Dr. Arnaldo), pelo ócio (como na praça Benedito Calixto), pela ação física (como na Marquise do Ibirapuera), pela interação virtual (como em diferentes LANs).

Nomadismo temporal e de percepção

São nômades também na percepção sobre diferentes temporalidades e depositários de uma sensibilidade, que Simmel (1973:11) denominaria “vida mental”, capaz de dar conta de múltiplos influxos – sons, imagens, leituras – de forma alternada (ver TV, depois ler jornal e, em seguida, estudar e pesquisar na internet) ou de maneira simultânea (ouvir a música, ao mesmo tempo em que assiste a TV, que fala ao telefone, que estuda e pesquisa na internet).

As alternâncias e simultaneidades separam irmãos, com pouca diferença de idade:

É assim, sempre estou lendo um jornal, assistindo a TV, procurando notícias da internet... Não, não consigo ouvir música enquanto estudo. Tem que estar completo silêncio se não, não consigo me concentrar. Só meu irmão que é meio maluco, que ele bota uns sons, aquelas músicas que os caras uivam, não falam. Ah! não sei como ele consegue ligar o rádio, a TV e estudar ao mesmo tempo. Eu não consigo (R.R.A.M. 15-17; F/ZO).

Esses exemplos reforçam o “nomadismo de percepção”, que pode ser detectado em outros momentos. Esses jovens, tanto os da zona sul, quanto os da zona oeste, respondem por uma atenção difusa, capaz de equacionar um grande número de fluxos e atividades, em que se relacionam práticas culturais tradicionais com outras que envolvem novas tecnologias e mídias digitalizadas:

⁵ Aproveitar a ida de um amigo de carro e dividir com ele este transporte. Tal iniciativa é adotada principalmente quando se trata de ir ou se deslocar para bairros centrais ou da zona oeste da cidade.

Faço teatro, eu era bastante tímido, mas depois que comecei a fazer teatro perdi um pouco da minha timidez. Fiz um ano de violino e continuo tocando; também fiz reciclagem de papel e *silk screen*, que ainda faço na minha casa e que é estampar camisetas com o meu próprio desenho e *design*. Mexo com computador e dou aula de informática, gosto de montar *sites* e dou aula de tapeçaria artesanal aos sábados... Sou muito ligado com som, música e *videogame* (A.M.J. 18-24; M/ZS).

São nômades na busca por pertença fora do *locus* de origem e nas cisões dentro do contexto familiar. Nômades nas rupturas com a escolaridade e com a escola oficial, por vezes calcada em normas autoritárias, em um corpo de valores individualistas e na exclusão do “outro”, do diferente do rol de referências (CUBIDES, TOSCANO & VALDERRAMA, 1998:IX):

O que mudaria na minha escola? O ensino, o ensino deles é seguir aquela meta passada (A.M.J. 18-24; M/ZS).

Comecei, parei, comecei, parei. Com tudo é assim. Porque estudava tudo. Queria sair de qualquer jeito do colégio, só que minha mãe não queria. Aí falei: “Então quero fazer magistério, aí tenho que sair do colégio”. Não sei se foi uma fuga, fiz dois anos de magistério, repeti por causa de matemática, saí e fui para outro colégio. Aí falei: “Não é o que quero”. Sempre gostei muito, tenho paixão por criança, então achava que era isso que queria. E desde pequena sempre quis ser professora, não sei o que. Aí... não era bem isso que queria. Só que nesse colégio que fiz magistério, comecei a fazer teatro... falei: “O que quero fazer é teatro!”, decidi, falei: “Não, gosto de teatro, quero fazer teatro!”, só que aí... sabe... fiquei em dúvida, fiz várias coisas, vários testes vocacionais, e nunca dava nada, assim, direito... dava umas coisas, assim, que falava... nunca fui de estudar muito, assim, sabe? De sentar, ficar na cadeira, ficar estudando, essas coisas... Aí prestei no meio do ano administração na Faap... passei, é... no meio do 3º colegial. Mas, tipo, fiquei meio desencanada, assim. Prestei todas as outras faculdades, prestei administração só que como já tinha entrado na Faap, queria fazer Faap. E... prestei hotelaria, na verdade acho que queria hotelaria, não sei. Aí comecei a fazer, ‘tava indo bem, tal. Só que... a Faap é muito cara. Aí não sabia se era isso e parei. Só que quando parei é... não... não sabia se queria voltar, aí comecei a trabalhar (M.L.A. 18-24; F/ZO).

São nômades em relação ao consumo e aos estilos de vida:

Eu ‘tava falando de maconha, de injetar, para os jovens mesmo é a destruição, porque é o começo, porque você vai começar pela maconha, depois pelo *crack*, depois vai injetar, aí tem uma hora que você não vai conseguir viver sem aquilo e se não consumir morre (J.S.S. 15-17; F/ZS).

Quando era menor era metaleiro... mas aí, sei lá, fui gostando de outros gêneros musicais... fui metaleiro na oitava série. Tinha o cabelo comprido, tampava toda a cara. O pessoal tirava sarro assim, eu fazia cara de mau e dormia. Depois, já ouvia

alguma coisa que não era metal, aí comecei a ouvir MPB (C.M.O.P. 15-17; M/ZO).

São nômades quanto às expressões da religiosidade:

É assim... minha mãe gosta de ir bastante na igreja... Eu também, assim... eu segui... eu era evangélica, né? Era... aí saí. Mas me atraem aquelas pessoas... budistas, essas coisas tudo assim, né... Tudo bem, cada um né? Faz o que pensar. A primeira vez que fui numa igreja católica, vi um monte de santo ali... Acho que tava fazendo dez anos do massacre do Carandiru, então eu vi um monte de santo... e me deu um arrepio assim, ó... um santo negro, um santo que olhava assim pra você, meu deus! (J.S.S. 15-17; F/ZS).

Sou católica, mas fui um tempo mórmon. Entrei agora. Antes eu não era de nenhuma, antes a minha religião era só sair. Minha mãe falava que a minha religião era só sair, só que resolvi entrar em uma. Eu era mórmon, antes a minha avó me levava para a igreja dela, na Assembléia de Deus, só que eu não gostava, eu fui para a mórmon da minha tia, tudo opção dos outros, a minha tia me chamava e eu tinha que ir quando era menor, a minha mãe falava: “Você vai”. Agora a opção é minha (P.S.B. 15-17; F/ZS).

Nômades, enfim, diante da vida e da cultura. Nômades, por vezes, em “total *zapping*” (MTV, 2000) exercitando o olhar e os sentidos, ininterruptamente, por sucessão, alternância, simultaneidade. *Zappear* a – e *zappear* na – cidade absorvendo, aos saltos, sustos e soluços, os “chocs” da vida moderna/pós-moderna. Olhar a cidade, com a mesma (des)ordem de visibilidade com que miram as telas das TVs, celulares, computadores, jogos eletrônicos; olhar e construir fragmentos de narrativas que resultam de novas formas de apropriação e dos novos *prints* de cognição e sensibilidades.

Viver o risco, arriscar-se, desconhecer o risco: violência e medo na cidade

Esta extrema fluidez não acarreta, necessariamente, uma uniformidade de posturas flexíveis. Assim, não é incomum, em outros depoimentos, encontrarmos o reforço a tradicionais estereótipos associados à metrópole paulistana. Segundo R.B.S. (18-24; M/ZO),

São Paulo é muito a locomotiva do país, entendeu? Se isso aqui parar, nada mais funciona.

Ainda assim, ele pondera,

Mas eu não gosto daqui, acho que a competição, a falta de humanidade que as pessoas acabam tendo por viver aqui, sabe, precisando tipo competir, “não, eu tenho que ser melhor do que ele porque senão...”, sabe? Acho que isso diminui a humanidade de cada um e aumenta a competitividade, sabe? Não gosto daqui por

causa disso.

Quando paro para analisar isso, refletir sobre isso, [sinto] algo próximo à tristeza, uma coisa muito artificial, sabe? É muito concreto, é muito vidro, muita coisa que não tem vida, sabe? Mas eu tô me divertindo porque aqui é o centro, né, do país... Quando eu tô me divertindo, não vejo a cidade dessa forma, vejo como uma coisa até que boa porque aqui tudo acontece, entendeu? E eu fico contente de estar onde tudo acontece.

Uma imagem da cidade... Pode parecer uma coisa meio estranha, mas eu acho que é de um deserto.

A paradigmática narrativa de R.B. indica outro aspecto da contabilidade eletiva com a qual lidam alguns segmentos juvenis ao negociarem, em termos macro, a própria significação do que seja viver em uma cidade e ao articularem, na microscopia cotidiana, seus hábitos sócio-culturais e suas dinâmicas de subjetivação. Nômades, sim, mas igualmente conscientes dos limites que lhe podem ser imputados pelos lugares que ocupam na cidade e que, eventualmente, extrapolam o âmbito de seu livre arbítrio. Talvez encontremos na fala de A.M.J. (18-24; M/ZS), morador da zona sul da cidade, uma das mais explosivas associações entre as opções oferecidas e o preço a ser pago pela vivência desta urbanidade. De modo direto e pungente ele analisa o “pacote fechado” que, em sua visão, define sua vida na cidade. Este “pacote” inclui, com contundência, a experimentação do êxtase e de uma inevitável incompletude:

[São Paulo] pra mim significa diversão, violência, lazer e trabalho.

É o que acontece hoje em dia, é com o que a gente convive. Trabalho, estudo, violência e lazer. Acho que toda pessoa em sua vida tem esse ritmo em cada cidade aonde mora.

Sou de João Pessoa e sei que há uma grande diferença de lá para cá. Lá a gente poderia ficar mais tempo na rua porque tinha mais lazer e já aqui é mais fechado, e também a gente não pode ficar até tarde na rua por causa da violência. Não tem uma diversão por completo, você se diverte, mas com aquele medo, pois não sabe a que horas irá chegar em casa e nem se irá chegar em casa.

[São Paulo é] adrenalina. Saio para me divertir com aquela adrenalina, pois eu não sei se irei voltar vivo. É a mesma coisa de estar numa montanha russa velha que não sabe se irá quebrar quando for passar.

Onde eu morava não era tão evoluído, demorou chegar o computador. E aqui já é mais evoluído em tecnologia e música.

Não gosto do estresse de São Paulo, barulho de carro, poluição e violência.

As pessoas que vem de fora pensam e mesmo eu pensei que iria conseguir uma vida melhor em São Paulo. Sei que muita gente consegue, mas também muitas não

conseguem.

Associados, inúmeras vezes, a situações de protagonismo na prática da violência e, concretamente, engrossando as estatísticas de vitimização, os jovens moradores de São Paulo desenvolvem estratégias de deslocamento pela cidade que consideram a experimentação da violência, tanto como fato real a definir espacialidades, quanto como sensação difusa a demarcar a temporalidade urbana.

Sujeitar-se à violência urbana e, por decorrência, abdicar de sua condição de sujeito surge, em alguns relatos, em gamas diversas de significação. Em vários deles, trata-se de uma alternativa de sobrevivência. Representando esta situação, A.I.U. (18-24; F/ZO) é peremptória: “ou você se adapta, ou você se isola”. Correr o risco e ao mesmo tempo negá-lo aparece aqui como inevitável:

Se eu for ficar com medo, não saio de casa. Eu preciso ir da minha casa pra faculdade, da faculdade pro trabalho, do trabalho pro inglês e do inglês pro treino.

Já teve época, quando eu morava com a minha mãe, que eu tava no ponto, sozinha, às 09h30min da noite. Um cara chegou ao ponto e começou a andar. Eu falei: “Meu, o que eu vou fazer pra assustar esse cara?”. Aí comecei a olhar do lado e, sabe quando você xinga meio na cabeça e fica com aquela cara assim? Aí o cara começou a olhar pra mim e deve ter pensado: “Meu, essa menina deve ser louca!”. Mas percebi que o cara veio meio pra cima, quando comecei a bater o pé no chão, meio que bufar, sabe essas coisas assim, meio ‘tô nervosa’? Aí o cara meio que se afastou e foi embora. Tinha certeza que ia ser assaltada, certeza absoluta. Uma menina de shorts, porque eu tava indo treinar... vai, de bermuda, não era curta... eu falei: “Nossa...” . Nem contei pra minha mãe se não ela não ia mais me deixar sair de casa.

Hoje em dia a gente tá... sei lá, tem muita amiga minha que entra em pânico de ir pro treino à noite, por exemplo. Acho que, assim, você tem que viver de algum jeito. Assim, morar em condomínio é ótimo. Você tem segurança, você tem o porteiro que vai vigiar todo mundo que entra e todo mundo que sai, ou você corre o risco dentro, porque tem hoje em dia milhões de formas, ou... vai, você sai na rua e você vai ter que enfrentar, então eu saio.

Para outros dos jovens entrevistados, como C.M.O.P. (15-17; M/ZO), há a necessidade de se dimensionar a proporcionalidade risco real/risco simbólico:

É o que eu falo, é um risco que não é tão grande assim para as pessoas ficarem na paranóia. Isso que eu acho que extrapola, as pessoas começam a ficar muito... O próprio governo estadual investe a maioria na segurança. (...) Você sai em São Paulo de carro, não passa 5 minutos sem ver uma viatura, é em todo lugar isso, entendeu? Então essa preocupação de estar garantida a segurança, ela só existe nesse meio da desigualdade social. Porque se for ver a polícia....

[Existe] uma violência aceita pela Sociedade, (...) não existe só aqui. Como São Paulo é uma Cidade muito grande, ela assume proporções muito maiores. Mas a violência é a mesma, ela só está em larga escala.

M.L.A. (18-24; F/ZO), por sua vez, aponta certa desresponsabilização ao atribuir sua despreocupação à não vitimização:

Bom, se eu falar que é a violência [o que me afasta da cidade], estou mentindo, porque eu sou da noite. Meu pai fala: "você não se preocupa com nada..."

Como eu nunca fui assaltada (*risos*)... falam que quando você é assaltada, você muda um pouco, né? Você pára de sair de madrugada de casa, só pra ir à farmácia, umas coisas assim, mas acho que... violência tem em qualquer lugar.

E qual seria o impacto de presenciar situações de violência? P.A. (15-17; M/ZO), analisando estas situações, reforça o individualismo que mesmo delas pode emergir:

Assalto dentro de ônibus, já vi, presenciei várias vezes. Quando tem muita gente ninguém faz nada, mesmo que a pessoa não esteja armada, não seja uma ameaça ao ônibus, mas não uma pessoa entrar no ônibus e assaltar todo mundo como a gente vê em filme e tal, mas a pessoa chegar em uma pessoa e intimidar aquela pessoa, falar assim "seu relógio, tudo que você tem" e não sei o que e todo mundo está vendo e ninguém faz nada, é coisa da cidade fria mesmo. E você vai fazer o que? Vai saber se a pessoa está armada ou não. Não é nem o medo de reagir, mas é aquela coisa que "não é comigo, que sorte".

Tal compreensão é reforçada por situações nas quais os jovens descobrem que seu maior temor, referente à violência, foi praticado por outro jovem do qual não “desconfiavam” ou até mesmo com quem mantinham relações amigáveis, desencadeando sensações de suscetibilidade inseridas, essencialmente, em uma dinâmica de “interiorização do inimigo”. É o que se observa no relato da jovem M.G. (18-24; F/ZS), que declarara ter “pavor, muito, muito medo mesmo de ser violentada”:

Ele não era meu amigo, era conhecido. Eu sempre passei, cumprimentei e tudo e esses dias escutei que ele foi preso. Por quê? Já tinha estuprado não sei quantas aí. Tentou pegar uma menina e a polícia levou embora. Olha o perigo.

O discurso fatalista, a menção à escolha do melhor ou do pior caminho, a visão, particularmente forte junto aos jovens da zona sul, de que todos têm um destino, tende a construir visões de mundo paradoxais, nas quais as escolhas são quase um fardo. A estes jovens, parece restar uma atitude de esgrimista: lutar para encontrar o melhor caminho,

mas, ao mesmo tempo, lutar para não se indispor com os que ficaram para trás. Como longamente narrado pela garota M.G. (18-24; F/ZS):

Viver assim é muito ruim, muito ruim mesmo. Eu não tenho segurança. Pra você ter idéia, chego com meu carro aqui, moro exatamente nessa pracinha, eu chego, antes faço a volta, fico olhando pra ver se não tem alguém. Para você chegar num lugar em que você não tem segurança na sua casa é horrível. Eu saio pouco. Sou super medrosa, é horrível. Também aqui no bairro você não pode ostentar muito, você não pode chegar com um carrinho zero, andar com sua bolsinha de lado, com o nariz empinado e não olhar para ninguém. Não pode, você tem que cumprimentar todo mundo, tem que ser a amiga de todo mundo. Eu vejo que a violência hoje em dia ficou muito forte, você não pode “marcar toca” mesmo. Sem você dar sopa para o azar, já acontece. Então sou super ligada, quando paro no farol eu já paro com distância, que se vier alguém consigo fugir pela lateral, sabe? Sou totalmente assim. E fui assaltada, imagina se você é totalmente desligada, anda com os vidros abertos do carro, sabe, com a bolsa jogada do lado. Então não dá.

Segundo os resultados dos questionários estruturados, encontramos a indicação de que os jovens da zona oeste, quando sofreram um ato de violência, o sofreram há três anos ou há mais de cinco anos, sendo que para a totalidade deles o ato de violência ocorreu uma única vez. Quase a totalidade dos jovens da zona sul, por sua vez, sofreu um ato de violência nos últimos seis meses, sendo que pouco mais de um terço sofreu ato de violência uma única vez e pouco menos de um terço sofre ato de violência mensalmente. A grande maioria dos jovens da zona sul sofreu ato de violência em seu próprio bairro; entre os da zona oeste, a maior parte sofreu atos de violência em outro bairro, depois em seu próprio bairro e, ainda, fora de São Paulo. Quase sempre o ato de violência sofrido ocorreu em via pública.

Neste caso, é interessante ressaltar as diferenças entre as duas regiões, que afetam diretamente a vida dos jovens consultados; a frequência com que ocorreram os atos de violência relatados não se refere apenas à quantidade de vezes em que tais atos foram sofridos, mas também à distância entre cada uma dessas ocorrências.

Dados obtidos no questionário estruturado indicam que a grande maioria dos jovens da zona sul já presenciou algum ato de violência e, embora em menor número, também a maioria dos jovens da zona oeste. Para os jovens da zona oeste, aparece como primeira citação “briga”, depois “assalto” e “ação policial”. Entre os da zona sul, em primeiro lugar é citado “homicídio”, depois “briga/briga conjugal”, “assalto” e “tiroteio” (nem homicídio,

nem briga conjugal ou tiroteio foram citados pelos jovens da zona oeste). No total, a maioria deles presenciou ato de violência no último ano, e também para a maioria isso só aconteceu uma única vez – entre os jovens da zona sul, a frequência mensal é o dado mais significativo e a grande maioria deles presenciou a violência em seu próprio bairro; e entre os jovens da zona oeste é mais significativa a frequência anual e eles presenciaram o ato, em sua maioria, em outro bairro.

Esses dados gerais convergem, uma vez mais, para indicadores sociais referentes a cada uma das regiões: a zona oeste como espaço mais preservado de atos públicos de violência, a zona sul como região mais suscetível a tais atos. O local da ocorrência relatada e sua frequência confirmam esses dados.

Violência de montanha russa

Relacionando falta de lazer, falta de consciência e uso de drogas às causas da mortalidade juvenil na atualidade, A.M.J. (18-24; M/ZS) descreve o cotidiano de seu bairro:

Não tem uma quadra para praticar esporte, nem um lugar para andar de *skate* e nem cinema perto... Aqui a gente não tem muitas opções e com isso temos que sair do bairro para achar uma opção para se divertir. Ele [o jovem] entrará nas drogas ou conhecerá alguém que mexe com tráfico ou com bandidagem e acabará se envolvendo.

Continuando seu relato, o mesmo jovem utiliza-se de uma singular imagem para descrever a vida no local de moradia:

O bairro em que eu moro convive com a violência e para mim isso é como se fosse uma montanha russa. Convivemos com a violência, mas não temos lazer, não tem nenhum projeto de lazer no bairro, como uma quadra para o jovem praticar esportes, e fica aquele medo. Não tendo lazer vai se criando mais marginais porque eles têm a opção do quarto setor, de mexer com o tráfico, achar dinheiro fácil. Ao invés deles se divertirem eles irão para o tráfico ganhar dinheiro. Faltam lazer e saneamento básico. Acho que muitas pessoas ficam revoltadas com isso, apesar de que eles também são acomodados porque se quiserem melhorar conseguem.

A experiência da intensidade, tão conflituosa quando referente ao ritmo urbano, retorna, de modo também marcante, em outras dimensões da sensibilidade e da sociabilidade juvenil. Mesmo quando não diretamente associado à criminalidade, o potencial desestruturador do envolvimento com o universo do álcool e de drogas ilegais inscreve-se no imaginário e

demarca boa parte do cotidiano dos entrevistados. Em inúmeros dos relatos colhidos nota-se, por parte dos jovens, a tentativa de elaborar justificativas para experiências como estas, associadas a uma “ausência de controle” e à entrada em um campo cíclico, labiríntico, no qual se perde autonomia e provoca-se o sofrimento alheio, ainda que de forma involuntária. Elencam, para tanto, além das já citadas explicações sociais, fatores culturais e psicológicos mais sutis, muitos deles indiretamente relacionados às lógicas da sociedade de consumo e da comunicação, marcada pelo excesso, pela urgência do viver o “aqui e agora” e pela busca desenfreada de reconhecimento e visibilidade.

Na tentativa de hierarquizar as diversas drogas presentes no cotidiano juvenil, R.B.S. (18-24; M/ZO) propõe uma classificação em termos de uma escala de “efeitos”, inserindo em seu discurso, ora criticamente, ora como base interpretativa, o próprio “efeito-mídia” que compõe a visibilidade do impacto do uso de drogas:

Cigarro é uma droga que digo que não é droga, porque não altera seu estado moral. Eu ‘tô aqui sentado, falando, conversando, se eu fumar trinta cigarros ou um ou nenhum vou continuar do mesmo jeito. O álcool é mais complicado porque altera seu estado. Então, não tem nada de mais tomar um vinho depois do almoço, uma cerveja sexta-feira à noite depois do trabalho, entendeu? Não excedendo, não excedendo, sabe. Mas já vi muita, muita família aí, se vê todo dia em jornal e televisão, muita família destruída por causa de maconha, por causa de cola, por causa de cocaína, heroína. Por causa do álcool também, sabe, quando se perde por causa do jogo, do vício. Mas não é tanto, pelo menos não é tão divulgado, aí é que ‘tá, entendeu?

Outro aspecto da vivência urbana, a cultura da visibilidade e da televigilância, participa com contundência da composição do indignado relato da jovem J.S.S. (15-17; F/ZS):

Ai, desculpa falar, mas eu não gosto de polícia não. Folgados, são folgados... Só porque a pessoa usa boné para trás, é negro, principalmente isso, roupa folgada, já é maloqueiro. Eles nem pedem os documentos e já começam a bater, entendeu? Muitas vezes passa em jornal, assim, caras vestidos de terno, roubam celular [vê-se] pelas câmeras nas avenidas... rouba celular, rouba bolsa. Agora, só porque o menino ‘tá de *skate*, estilo maloqueiro... vai ser ladrão? Já pode bater? Ah... isso aí eu não suporto, eu não gosto nem de ouvir falar... deixa para lá.

Rompimento de limites, ausência de explicação

A nomeação “falta de consciência” é um fio condutor recorrente nos relatos, seja quando descrevem a entrada juvenil na criminalidade, seja quando se trata de reflexões acerca da

utilização desenfreada de drogas. Como apontado por M.G. (18-24; F/ZS), “tem muito marmanjão que cata os pivetinhos e faz de aviãozinho que leva a droga de um lugar para outro. Eles fazem a mente desses molequinhos”.

Especialmente significativa é a já clássica associação entre prática da “*violência pela violência*” e o que é percebido como uma expressão de “irracionalidade” ou, em seu paroxismo, da entrada no campo do delírio, da obsessão. Segundo C.M.O.P. (15-17; M/ZO),

Esse tipo de violência [praticada por gangues e tribos juvenis] é diferente, a violência é mais um negócio muito estranho. Tem até a questão do grupo, a gente fica com um grupo e aí tem que arranjar violência. As pessoas meio que têm uma necessidade, não sei, é muito estranho. [Têm] meio que extravasar – a torcida de futebol é a mesma coisa –, extravasar as raivas. As pessoas ficam obcecadas por isso e aí vira uma guerra.

Se, anteriormente, mencionamos a associação entre ausência de lazer e prática da violência criminal, é igualmente marcante a descrição de situações nas quais é no próprio interior das atividades de lazer que se gera a violência juvenil. R.R.A.M. (15-17; F/ZO), analisando a violência praticada por grupos juvenis, reforça a idéia de esta possuir um caráter endógeno:

Acho que tem muita violência principalmente porque eles [os jovens] não sabem mais os limites. Jogos, por exemplo, na verdade seriam para se divertir, mas eles acabam esquecendo esse espírito esportivo, esse espírito de “vamos ficar bem com a gente mesmo”. Acho que começa de dentro.

Recuperando vários dos aspectos abordados por outros jovens, M.L.A. (18-24; F/ZO) constrói um cenário complexo ao analisar o envolvimento juvenil em brigas e atos de vandalismo:

Eu mesma falei [na entrevista] que só vi briga em danceteria. Todo mundo fica bêbado, aí... sai se estapeando, não quer nem saber se... é amigo... tipo, é amigo desde pequeno, mas fica bêbado, o povo parece que fica possuído, começa a se bater, eu falo: “Gente...”. As brigas que vejo, são... não idiotas, assim, mas de gente que briga por nada, entendeu? Briga pelo simples brigar e porque eu sou... o bom! Vou brigar, bater, porque mexeu com a minha namorada, ai, porque me chamou disso... não tem um porquê para isso! Acho que existe a violência de pessoas que fazem a violência por necessidade. Que roubam, por necessidade... São [pessoas] que não têm condição. Pobres. Sem condições... ou foram discriminados e vão para esse lado. E têm também pessoas que vão para a violência por causa de droga. Acho que são coisas bem diferentes. [Os

que brigam sem motivo] geralmente... têm dinheiro, só que bebem e acham que... aí ficam, viram pessoas mais fortes.

Segundo M.G. (18-24; F/ZS), “muitos atos de violência são praticadas pelos próprios jovens, em geral envolvendo o tráfico. O jovem vai lá e vende droga para outro jovem, ele fica usando, usando e depois não paga”. E continua: “Aí o jovem tem que cumprir com o mandato do cara lá, do traficante, e tem que matar para impor respeito. Então ele vai lá e mata o amigo de anos, não ‘tá nem aí e pronto. E acabou”.

A ruptura ou o desrespeito a relações antigas de amizade, citadas nos depoimentos acima, apontam para certa perplexidade diante da constatação do poder re-fundante de espaços de socialização particulares, como o mundo do narcotráfico ou o êxtase da balada, responsáveis por redefinir, mais uma vez de forma endógena, circunstancial e auto-referente, regras de conduta, hábitos e dinâmicas comportamentais que embasam parte das identidades juvenis.

Os jovens, igualmente, demonstram-se desconcertados por se sentirem inseridos em uma cultura da suspeição. É o que se revela, de modo doloroso, no relato de M.G. (18-24; F/ZS):

São pessoas que a gente conhece, todo mundo conhece [os criminosos] mas nunca vai falar nada. Tanto que amigas minhas já chegaram e falaram “ah, fulano, você cumprimenta ele, mas cuidado. Não vai cumprimentar toda hora porque se ele estiver drogado e não gostar da forma que você cumprimentar, vai tirar satisfação”. Então você já fica com medo, você fala “putz, o que é que eu faço, eu cumprimento ou não cumprimento?”.

Ultrapassando um recorte dicotômico de classe, é comum aos entrevistados das duas regiões a nomeação do desejo que moveria muitos dos jovens praticantes de atos de violência, tanto aqueles claramente criminalizados – no caso, por exemplo, do narcotráfico – quanto os que aparecem associados à violência simbólica, a brigas ou a atos de vandalismo. Em ambos, o mesmo desejo juvenil: sentir-se “forte” e integrado a novos grupos de socialização.

Poder das engrenagens

Analisados em sua totalidade, constata-se que os relatos juvenis obtidos são indicativos de uma percepção da violência ancorada em dois aspectos centrais. O primeiro revela uma experimentação típica da *sensibilidade desenvolvida em grandes centros urbanos*, com a

proliferação de sutis sistemas simbólicos de exclusão e inclusão, de uma prática “pontilhada” de circulação pelo espaço e pelos grupos de socialização – o chamado *zapping* sócio-cultural –, pela redefinição do corte centro/periferia – incluindo-se as noções de pluricentralidade e de exclusão temporal – e pela midiaticização crescente das cidades – partícipes de uma cultura da comunicação, da proliferação das interfaces tecnológicas e da televigilância.

Neste último aspecto, chama a atenção nos depoimentos o fato de estarem bastante marcados pela mixagem documental/ficcional, visto que inúmeros deles incorporam em sua estrutura lógica o “efeito mídia” imiscuído nas práticas e análises da violência. Quando questionados sobre a articulação *violência midiática/violência real* os entrevistados, em sua totalidade, manifestam-se bastante críticos em relação a alguns veículos e empresas de comunicação, sendo citados com recorrência significativa o programa “Cidade Alerta” (exibido na TV Record, que não foi diretamente mencionada) e a Rede Globo de Televisão. Em uma análise mais cuidadosa nota-se a existência de alguns modelos interpretativos e conceitos hegemônicos, como no caso de teorias conspiratórias, de teorias da manipulação e de uma compreensão da mídia como sistema abstrato. Segundo o depoimento de A.I.U. (18-24; F/ZO),

A mídia vai passar do jeito que eles acham melhor. A Globo manda no Brasil, porque eles passam do ponto de vista deles. E praticamente todo mundo assiste, porque é canal aberto. Campanha de presidente é o melhor exemplo disso, eles induzem... fazem meio que uma pesquisa, vêem mais ou menos como a população ‘tá e induzem para o que eles querem. Eles conseguem manipular a cabeça da maioria da população, fácil. Aí o que acontece, se eles noticiam violência... Outro dia, nossa... eu ‘tava mudando de canal, aí pus naquele ‘Cidade Alerta’, os caras quase filmaram a tripa do cara saindo para fora. Porque o cara bateu e daí fugiu, daí não sei o que... aí a pessoa que ‘tá assistindo fala: nossa... não acredito que o cara fez isso... e vai gerando uma revolta nas pessoas... acho que vai instigando a pessoas, dependendo da forma como é passada.

Esta tradução do cotidiano urbano será, em diversos relatos, associada a uma distorção da realidade. Como notado por M.L.A. (18-24; M/ZS),

Quem não mora [no meu bairro] só vê aqueles relatos pela tevê e tal... Pessoas morrem e tal, mas assim, quando acontece um fato que dá bastante repercussão aí que eles vão lá (...) dizer que o bairro é violento e tudo mais, mas não é tão violento assim... porque eu convivo né, mas a questão difícil que tem lá é o envolvimento de

jovens com drogas coisa e tal, isso é que é o mais, né, o mais, que fica mais pesado ali no bairro, no Capão Redondo.

Analisando os efeitos da midiaticização da imagem de seu bairro, o mesmo jovem percebe um deslocamento de foco ocasionado pela ocorrência de episódios de violência em outras regiões e classes sociais:

Antigamente eles passavam o Capão Redondo como a maior área que tinha mais violência na cidade de São Paulo, né. Hoje em dia já desfocaram um pouquinho, né, hoje em dia eles já estão indo lá pra classe média. Filho matando a mãe, matando os pais... Quer dizer, desfocaram um pouco, né, porque ali já viram que ficou muito maçante aquele negócio, né, filmando só o pobre sendo sacrificado, só o pobre, né. Aí acabaram fazendo pro lado do mais rico que tem mais poder aquisitivo, vendo que eles também tem, também cometem atos de violência, né, então aconteceu e às vezes até pior, né?

A imagem de um telespectador passivo, sujeito à manipulação, e de veículos de comunicação poderosos, capazes de “manipular a cabeça da maioria da população”, não impede que os entrevistados detectem com bastante clareza a lógica de construção da violência midiaticizada. Assim, localizam seus efeitos mais em termos de uma forma de construção e divulgação do que exatamente de um conteúdo. Percebem, ademais, a construção de um foco de abordagem, de mecanismos de visibilizar ou invisibilizar determinados fenômenos de violência, de seccionamentos na interpretação de episódios de violência e, em especial, da crescente *associação entre violência, entretenimento e comoção*.

Analisando a relação mídia/violência M.L.A. (18-24; F/ZO) constata a seguinte situação:

A violência na televisão ‘tá um pouco sensacionalista. Eles tentam pegar qual a tragédia maior. Se é para assistir ‘Cidade Alerta’, ‘Datena’, eu prefiro não assistir mais televisão. Porque você só vê em televisão é gente se batendo, não sei quem que morreu, levou um tiro na faculdade. Eles exploram muito. Mostram a vida da menina que levou o tiro... para dar ibope. Eles não fazem isso para melhorar a violência.

P.A. (15-17; M/ZO) aprofunda esta visão:

A mídia fala muito da violência excessivamente sem apontar perspectiva, sempre colocando culpados. Ao mesmo tempo que ela coloca muito, fala o que é violência, porque será que a violência é só o Beira Mar? A mídia fala muito do fato de ter um tiroteio na faculdade, da *mina* tomar um tiro e ficar tetraplégica, eles falam muito mais disso, do que sobre o que causou isso, das outras violências que resultaram nessa violência. Enfocam porque atingiu a elite. As pessoas que controlam a mídia não

estão preocupadas com a distribuição de renda, não estão preocupadas com democracia. Elas estão com medo. O morro está se armando e a elite teme isso, teme que aconteça alguma coisa. Lógico, é uma coisa que afeta todo mundo mas quem tem medo disso é a elite. Porque as [outras] pessoas estão com muito mais medo de perder o emprego do que de tomar um tiro. Vendendo a violência do jeito que estão, com programa que só fala de violência, que tem super audiência, as pessoas acho que se sentem bem vendo que não estão tão mal assim, vendo que tem coisa pior, acho que elas se sentem confortadas. Então a mídia vende a violência, ao mesmo tempo em que ela usa isso para comover.

Os mesmos jovens que em seus depoimentos mostram-se capazes de elaborar análises críticas sobre a mídia – nas entrevistas em profundidade, quase exclusivamente associadas à TV – atestam, em seu discurso, a influência da veiculação midiática na percepção da violência. Em vários depoimentos, era recorrente a menção a episódios de espetacularização e a crimes sensacionais divulgados à época. Esse cenário parece colaborar para a construção de uma imagem da violência como fenômeno que, contemporaneamente, efetiva-se tendo por base uma crescente indiferenciação de fronteiras, tais como, violência sofrida/violência praticada, necessidade/casualidade, vítima/algoz, fatores externos/motivação interna, ocorrido/suposto.

O segundo aspecto, relacionado ao anterior, aponta claramente para a percepção de assistir-se, hoje, a uma complexificação da violência, seja em termos de sua dimensão simbólica, seja quando concretamente se efetiva como ato social. É contundente, em inúmeros depoimentos, a identificação de uma multicausalidade de tais fenômenos. Os jovens revelam ainda a capacidade de discernimento entre a violência macrosocial e a violência microssocial. Distinguem, assim, uma violência que seria causada pela miséria e pela crise econômica daquela que se restringiria ou, antes, seria engendrada em dinâmicas intergrupais.

O efeito randômico da violência é também evidentemente valorado por vários dos entrevistados, com ênfase maior para os jovens moradores da zona sul. Como descrito por P.S.B. (15-17; F/ZS),

A cidade está muito... o que mais você ouve aqui é violência. Não tem mais como você ficar evitando. Acontece, você não sabe quando e onde acontece. Onde você menos espera vai acontecer.

Em outra derivação, é bastante freqüente a menção ao que, aqui, nomeamos como a experimentação de uma cultura do risco. O espraiamento dessa vivência no cotidiano de nossas cidades assume desde formas mais “suaves” – o êxtase juvenil externado nas “baladas” – até aquelas mais contundentes e duras – do envolvimento em “rachas” até a prática de gestos criminosos por, entre outros motivos, uma mescla de desejo de notoriedade, fama rápida entre os pares e na mídia, desafio à autoridade e busca desenfreada de diversão. A cultura do risco, como uma das faces da violência contemporânea, ultrapassa fronteiras de classe, sem que isso, contudo, implique em padronização dos atos punitivos que, porventura, sejam imputados aos jovens envolvidos na prática de tais ações de violência quando se tornam criminalizáveis.

A violência pode ainda se associar ao prazer, ao consumo e à criação de identidade, construindo, na interseção com o universo da mídia e com aquele da criminalidade, uma glória intensa e fugaz, com a busca e a utilização de signos de vitória e projeção. O fascínio da visibilidade e do reconhecimento – ancorado no estrelato midiático ou na força bruta da ação criminal – cria um inusitado barômetro do sucesso, material e simbólico: ter e poder (poder ter, poder fazer, poder falar, poder aparecer).

Toques finais

Reitera-se que esta pesquisa priorizou o acesso a jovens metropolitanos, moradores das zonas sul e oeste da cidade de São Paulo, por meio da coleta de narrativas construídas a partir de fragmentos de seu cotidiano e de sua vida na cidade. Tratou-se de compartilhar e interagir com estes jovens em seus próprios contextos culturais e, também, em situações especialmente organizadas para coleta de informações.

É importante considerar que os relatos juvenis ocupam, neste contexto, um lugar epistemológico e metodológico privilegiado para observar suas representações e formas de sociabilidade, numa etnografia dos usos que investigou os movimentos de ruptura e continuidade, de enraizamento e deslocamento.

Os jovens no Brasil – e também em outros países parceiros desta rede internacional, em particular os da América Latina – formam um grupo singularmente atingido pelas rapidíssimas transformações no panorama de nossa sociedade. Assim, torna-se cada vez mais necessário compreender o sentido de suas narrativas e, através delas, decifrar seus

“modos de ser e de viver”. As “falas” emergem entrelaçadas pelo sentido de urgência, destemor, ousadia e desassossego, pela ausência de esperança, desemprego e consumo inviabilizado. Fatos tais como trânsito e poluição, exposição excessiva aos “chocs” da vida na metrópole, relação com as mídias e as novas tecnologias, isolamentos das periferias em relação ao centro e disseminação do medo entranham-se na vida cotidiana, transformando-se em geradores de novas violências, mas também de novas percepções, sensórios e contornos da vida mental.

Referências bibliográficas:

BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin. Obras Escolhidas II. Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin. Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BORELLI, Silvia Helena Simões. “Jovens em São Paulo: lazer, consumo cultural e hábitos de ver TV”, *Revista Nômadias. La singularidad de lo juvenil*, nº 13, DIUC, Universidad Central, Bogotá, outubro/2000.

BORELLI, Silvia Helena Simões e ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo (coord); SILVA, Gislene; COSTA, Josimey; OLIVEIRA, Rita Alves de; SOARES, Rosana de Lima. *Jovens urbanos: concepções de vida e morte, experimentação da violência e consumo cultural*. Relatório FAPESP. São Paulo, 2003.

CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, Maria C. L.; VALDERRAMA, Carlos E. H. (org). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.

MAFFESOLI, Michel. “Nomadismo juvenil”. *Revista Nômadias*. Bogotá: DIUC, nº 13, out. 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. “A cidade virtual. Transformações da sensibilidade e novos cenários da comunicação”. In: *Revista Margem*. São Paulo: Educ/FAPESP, nº 6, dez. 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. “Jóvenes: des-orden cultural y palimpsestos de identidad” In: CUBIDES, Humberto J.; TOSCANO, Maria C. L.; VALDERRAMA, Carlos E. H. (orgs.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.

MORIN, Edgar. *Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo 1. Neurose*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

ROCHA, Rosamaria Luiza de Melo. *Estética da violência. Por uma arqueologia dos vestígios*. São Paulo, ECA/USP, 1998. Tese de doutorado.

SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental” In: *O fenômeno urbano*. Otávio Guilherme Velho (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VIRILIO, Paul. *L’horizon négatif*. Paris, Galilée, 1984.